



O nobre e o “pobre” cavaleiro: duas perspectivas lulianas

The noble and the poor cavalry: two lulian’s perspectives

Tatyana Nunes Lemos¹

Resumo: Durante a Baixa Idade Média, a cavalaria foi uma instituição de destaque, diretamente associada à nobreza. Foi também a principal difusora do medo e do terror, principalmente entre os camponeses. Tal fato é descrito no capítulo CXII de uma obra do filósofo medieval Ramon Llull (1232-1316), o *Livro da Contemplação* (c. 1273-1274). Llull era um nobre maiorquino que abandonou tudo para converter-se ao cristianismo. No *Livro da Ordem de Cavalaria* (c. 1279-1284), construiu seu ideal, unindo valores cristãos e práticas guerreiras. Nessa obra, Llull atribui à cavalaria um código de conduta com preceitos cristãos, através da oposição virtudes/vícios.

Palavras-chave: Ramon Llull; Cavalaria; Virtudes e Vícios

Abstract: During the Early Middle Age, the cavalry was an institution of distinction, directly associated with nobility. It was also the main diffuser of fear and terror, particularly among peasants. This fact is described in chapter CXII of a work medieval philosopher Ramon Llull (1232-1316), the *Llibre de Contemplació en Déu* (c. 1273-1274). Llull was a Majorcan nobleman who left everything to convert to Christianity itself. In the *Llibre de l'orde de cavalleria* (c. 1279-1284), built their ideal uniting Christian values and practices warriors. In this work, Llull attaches to cavalry a code of conduct with Christian precepts, over the opposition virtues/vices.

Keywords: Ramon Llull; Cavalry; Virtues and Vices.

Introdução

A Igreja Católica, na Idade Média, era a principal instituição educacional, responsabilizando-se pela transmissão do conhecimento. Locais de sociabilidades e descobertas (VERGER, 1999: 63), as escolas – monásticas e catedrálcias – priorizavam a formação ética e moral do indivíduo (DURANT, [s/d]: 816). O principal objetivo da educação era criar o perfeito cristão, o discípulo de Jesus Cristo, que procurava a felicidade eterna através da crença no Evangelho (NUNES, 1979: 100).

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo. Bolsista da Capes. Orientador: Prof. Dr. Sergio Alberto Feldman. *E-mail:* tatylnl@hotmail.com

Os nobres dispunham de uma educação complementar cujo objetivo era ensinar-lhes os valores peculiares à vida do guerreiro: a instrução cavaleiresca, com aprendizado prático, já que não haviam escolas especializadas nem livros específicos sobre o tema. Os rapazes começavam a preparação com cerca de doze anos, tornando-se escudeiros de algum rico castelão, que deveria abrigá-los e dar-lhes armas após a sagração. A Igreja buscou, em alguns casos infrutiferamente, influenciar a vida dos medievos além do âmbito religioso. Uma das esferas almeçadas era uma ordem reconhecidamente laica, a cavalaria.

Dentro da corrente que objetivava a moralização dessa ordem está Ramon Llull (1232-1316), que em sua obra *O Livro da Ordem de Cavalaria* (c. 1279-1284), a partir de agora, *LOC*, buscou iluminar os pretendentes à cavalaria com valores morais, espirituais e éticos, a fim de torná-los mantenedores da fé cristã (COSTA, 2000: 30). Por outro lado, não se manteve alheio ao período em que viviam, fazendo algumas denúncias sobre o comportamento, para ele corrompido, desses indivíduos. Este artigo pretende apresentar o ideal de cavalaria construído por Ramon mediante a oposição entre virtudes e vícios, além das críticas feitas pelo autor a esse grupo.

O cavaleiro

A origem do termo *militēs* é de difícil precisão e delimitação. No final do século IX, correspondia ao grupo social que trabalhava para a aristocracia rural oriunda da nobreza carolíngia (COSTA, 2001: 177). Segundo Georges Duby, *miles* designava, inicialmente, a superioridade do vassalo. De 1032 a 1100, passou a designar toda a aristocracia laica (DUBY, 1989: 23). Na época de Ramon Llull, a palavra *miles* era utilizada para definir o indivíduo pertencente à cavalaria (COSTA, [s/d]).

Por volta do ano mil, a cavalaria passou a existir na França como uma instituição social tipicamente nobre. Visando estabelecer normas para o ingresso, surgiu a cerimônia de iniciação, que, inicialmente, era doméstica e profana (COSTA, 2001: 176). O ingresso não era irrestrito. Reis e príncipes distinguiam com sua autoridade essa confraria, da qual exigiam o controle do acesso, filtrando a admissão (FLORI, 2002: 186).

As profundas mudanças sociais do século XI ampliaram o papel dos cavaleiros na sociedade feudal. A autoridade pública, sobretudo na França, não desapareceu totalmente, mas transferiu-se para os príncipes, no século X, e, posteriormente, para os castelões, senhores que faziam valer sua lei pela força dos seus *militēs*, já que não havia um poder jurídico estabelecido para instituir tribunais regulares que julgassem os crimes (FLORI, 2002: 187). A

origem da cavalaria e a origem da nobreza não podem ser confundidas, embora logo a nobreza passe a controlar e comandar a cavalaria, emprestando-lhe seus ideais a tal ponto que, a partir do século XII, a cavalaria apareça como expressão militar da nobreza. Cavaleiro torna-se um título nobiliário (COSTA, 2001: 180).

Quando o *Livro da Ordem de Cavalaria* foi escrito, a ordem estava estreitamente ligada à nobreza hereditária detentora de terras. O cavaleiro era um arquétipo para a nobreza e o espírito cavaleiresco era norma de vida social e íntima para as cortes (SANCHIS GUARNER, 1958: 39). O modelo cavaleiresco luliano representava o cristão ideal, virtuoso, que honrava a Deus e buscava a salvação divina.

Ramon Llull (1232-1316)

Em 1229, quando tinha vinte e um anos, Jaime I, o *Conquistador* (1213-1316), retomou a cidade de Maiorca, que estava sob o domínio muçulmano há três séculos. O objetivo da conquista era assegurar as vias comerciais do Mediterrâneo Ocidental. Nesse contexto nasceu Ramon Llull, em 1232. Seu pai, também chamado Ramon, lutou ao lado rei, recebendo como recompensa propriedades na ilha (COSTA, 2000: 15). Cresceu em um ambiente marcado pelo convívio entre etnias e crenças distintas, visto que localização de Maiorca tornou-a centro de atração para pessoas com as mais diversas procedências (HILLGARTH, 1998: 28).²

Sua educação, a cavaleiresca, foi típica de um nobre de sua época. Aprendeu a montar e a usar armas. Tornou-se trovador e acredita-se que tenha viajado pelo território de Valência e pela França ao lado de Jaime II, o futuro rei, dois anos mais novo que ele e de cuja corte seria membro (HILLGARTH, 1998: 29). Antes de setembro de 1257, casou-se com Blanca Picany, com quem teve dois filhos, Madalena e Domingos.

Quando estava com cerca de trinta e cinco anos, por volta de 1265, enquanto compunha uma canção para uma dama, teve uma visão de Cristo crucificado. Tal visão se repetiu por cinco noites consecutivas, quando então compreendeu que sua vida estava para mudar. Converteu-se e decidiu colocar sua vida a serviço de seu Deus e de Jesus Cristo (GAYÁ, [s/d]).

A conversão veio acompanhada de três desejos: dedicar sua vida ao serviço de Deus, convertendo os não-cristãos; criar escolas para o estudo da língua dos

² Cf. DOMINGUES REBOIRAS, Fernando. *Raimundo Lúlio: la Fe Consciente*. Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: <www.ricadocosta.com> Acesso em: 20 fev. 2005.

infiéis; preparar-se para o martírio e escrever o melhor livro do mundo contra os erros dos infiéis (COSTA, 2000: 17). Llull tornar-se-ia um cavaleiro que ofertou sua vida ao serviço de Deus, Jesus e Maria (SANCHIS GUARNER, 1958: 38). Sua obstinação em cumprir tais desejos pode ser notada nesta passagem:

Eu fui um homem ligado pelo matrimônio, tive filhos; era discretamente rico, lascivo e mundano. Deixei tudo de bom grado para poder me dedicar a fomentar a honra de Deus, o bem público e exaltar a santa fé. Aprendi árabe e fui muitas vezes pregar entre os sarracenos; por causa da fé, fui preso, encarcerado e surrado. Trabalhei quarenta e cinco anos tentando mover a Igreja e os príncipes cristãos ao bem público. Agora sou velho, agora sou pobre, mas ainda tenho o mesmo propósito, e o terei até a morte, se Deus quiser (RAMON LLULL, *Versió catalana de la Disputa del clergue Pere i de Ramon Llull, el fantàstic*: 215).

Escreveu quase trezentas obras em latim, árabe e catalão. Ao optar por esses idiomas, pretendia adaptar-se à linguagem dos leitores e facilitar o acesso de todos às suas obras (FIDORA, 2002).

O *Livro da Ordem de Cavalaria*

Não se sabe o local de redação da obra nem sua datação é precisa. Acredita-se que tenha sido redigida entre os anos 1279 e 1283, ou seja, no início da produção literária de Ramon, e é uma aplicação prática de sua *Arte*³. Seu objetivo é iluminar os pretendentes à cavalaria com valores morais, espirituais e éticos, a fim de torná-los mantenedores da fé cristã (COSTA, 2000: 30).

Divide-se em sete capítulos. O primeiro narra a origem da cavalaria e afirma que os cavaleiros são homens eleitos entre milhares. O segundo enumera as funções do cavaleiro. O terceiro expõe os requisitos necessários ao escudeiro para se tornar cavaleiro. O quarto trata do ritual de sagração. No quinto é atribuído um significado para cada arma do cavaleiro, estabelecendo um sentido analógico entre o mundo físico e o metafísico. No sexto, Llull relaciona os valores necessários aos membros da ordem. Por fim, aborda a honra que deve ser feita ao cavaleiro.

Contudo, não se trata de um manual clássico de cavalaria, pois a obra foi escrita num período tardio e sua maior influência foi literária, e não prática (SANCHIS GUARNER, 1958: 39).

³ “A *Arte* é um sistema de pensamento aplicável a qualquer tema. Trata-se de uma tentativa de unificar todo o pensamento da cultura medieval, tomando-se um instrumento para a verdade das criaturas, tendo como pré-suposto a verdade de Deus. Foi criada com o objetivo de converter os infiéis” (PRING-MILL, 1962: 31-32).

O ideal cavaleiresco de Ramon Llull

A doutrina luliana obteve um caráter especial sob a influência da educação cavaleiresca recebida por ele (CARRERAS Y ARTAU, 1934: 319). Tendo como base os dogmas da Igreja Católica, o autor buscou normatizar o comportamento dos cavaleiros, unindo a Igreja e a cavalaria para formar o cavaleiro-cristão (COSTA, 1997: 246). *O Livro da Ordem de Cavalaria* é a expressão desse ideal. Seu prólogo foi utilizado posteriormente por Joanot Martorell em seu romance de cavalaria, *Tirant lo Blanc*⁴, escrito no século XV, e demonstra a grande valorização do cavaleiro:

Ausentes do mundo a caridade, a lealdade e a verdade, nasceram a má vontade, a injúria e a falsidade: por isso, grassou enorme erro e imensa confusão no seio do povo de Deus.[...] *Em razão disso, reuniram-se milhares de pessoas dos povos e dentre eles se elegeu o mais amável, de maior cordialidade, mais sábio, mais forte de coragem mais elevada, com mais virtudes e bons costumes que os demais.* Em seguida, procurou-se entre todos os animais qual seria o mais belo, que corresse mais, suportasse mais esforço e melhor se adaptasse ao serviço do homem: o cavalo foi escolhido e deram-no ao homem eleito entre os milhares. *A esse homem chamaram cavaleiro, pois havia ajustado o mais nobre animal ao mais nobre homem* (JOANOT MARTORELL, 1998: 52-53 – grifos meus).⁵

Ramon Llull busca construir uma ética pessoal moldada pela fé cristã. A partir daí, concebe seu cavaleiro ideal. As ações deste seriam delimitadas pelo conflito entre virtudes e vícios, sendo as virtudes os instrumentos utilizados para combater os males do mundo, isto é, os vícios, e o caminho para se chegar à glória celestial. Diversas obras lulianas citam as virtudes e os vícios, era uma forma recorrente de dar exemplos na Idade Média (CARRERAS Y ARTAU, 1934: 327).

As virtudes são setes, divididas entre teologais (fé, esperança e caridade) e cardeais (prudência, temperança, justiça e fortaleza), e contrapõem-se aos vícios, representados pelos sete pecados capitais (gluttonia, luxúria, avareza, soberba, acídia, inveja e ira). Tais virtudes eram normas que deveriam ser seguidas pelos cavaleiros, permitindo-lhes alcançar o maior objetivo do homem, a salvação divina.

⁴ Escrito por volta de 1460 e publicado pela primeira vez em 1490, este livro encerrou o ciclo dos romances de cavalaria. Narra os feitos de um cavaleiro, que dá nome ao livro, longe de sua terra natal, no auxílio a um rei cujo território foi invadido por muçulmanos, e sua paixão por Carmosina, a princesa do reino.

⁵ Cf. RAMON LLULL. *O Livro da Ordem de Cavalaria*, (trad., apres., e notas de Ricardo da Costa). São Paulo: Editora Giordano, 2000.

De todas as virtudes, a principal é a **fé**, definida como “[...] crer verdadeiras as coisas invisíveis convenientes à fé cristã, [...] sem que a razão demonstre as coisas em que o homem crê” (RAMON LLULL, *Doutrina Puerik*: LII, 1). Ela é a origem de todas as outras virtudes e fortalece-as contra os vícios que buscam corromper o homem. Não pode ser mensurada. Com ela o homem pode ver Deus sem precisar de intermediários (RAMON LLULL, *Doutrina Puerik*: LII, 6). É necessária ao cavaleiro para que ele lute contra os infiéis e defenda os clérigos (RAMON LLULL, *LOC*: VI, 3).

A **esperança** é acreditar na justiça divina. Só pode ser alcançada através das boas obras (RAMON LLULL, *Livro da Intenção*: V.2, 1). É um meio de ajudar o homem a vencer suas opressões e serve de auxílio na hora das necessidades, pois “é melhor estar temeroso e ter esperança que estar seguro sem esperança” (RAMON LLULL, *Livro da Intenção*: V.2, 2). Fortalece a coragem do cavaleiro, pois pode ajudá-lo a lembrar de Deus durante as batalhas. Também o ajuda a suportar trabalhos, fome e sede (RAMON LLULL, *LOC*: VI, 4).

A **caridade** está ligada ao amor e às outras virtudes (RAMON LLULL, *Doutrina Puerik*: LIV, 4). Significa amar a Deus e ao próximo. Enriquece o homem com a coragem e aproxima-o de Deus. Além de ajudá-lo a manter seu ofício, ajusta uma virtude à outra e separa um vício do outro (RAMON LLULL, *LOC*: VI, 5). Auxilia o cavaleiro, sustentando o grande peso de seu coração, gerado pelo dever que tem de honrar a cavalaria (RAMON LLULL, *LOC*: VI, 6).

A **prudência** faz com que os homens tenham conhecimento do bem e do mal, podendo amar o bem e tornar-se inimigo do mal. Com seu uso, o homem se esquivava dos danos corporais e espirituais (RAMON LLULL, *LOC*: VI, 8). Devido aos perigos que corre, é fundamental para os cavaleiros.

A **fortaleza** é “o fortalecimento da alma, pelo qual é vivificada a força corporal” (RAMON LLULL, *Doutrina Puerik*: LVII, 1). É o principal meio para combater os sete pecados capitais, pois “como cavaleiro é dito cavaleiro por combater os vícios com a força de coragem, cavaleiro sem fortaleza não possui coração de cavaleiro nem tem armas com as quais cavaleiro deve combater” (RAMON LLULL, *LOC*: VI, 11).

A **justiça** é “restituir a cada um o que é seu de direito” (RAMON LLULL, *Livro da Intenção*: V.5, 2). Para Llull, a maior justiça é a divina, e a justiça terrena, exercida pelo príncipe, deveria ser seu reflexo.

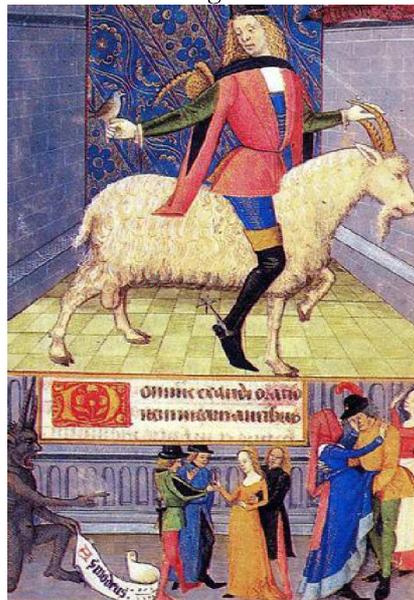
A **temperança** é o meio termo entre a privação e o excesso, ou seja, “[...] é refrear a vontade estando entre duas extremidades contrárias em quantidade” (RAMON LLULL, *Doutrina Pueril*: LVIII, 1). Serve como reguladora das ações do homem, já que “[...] o homem pode ter temperança em comer, em falar, em vestir, em andar, em cogitar, em querer, em entender e nas outras coisas semelhantes a essas. E como cada uma das coisas ditas acima pode ser usada em pequena ou grande quantidade, é dada a temperança ao homem” (RAMON LLULL, *Livro da Intenção*: V.7, 2).

Essas virtudes seriam forças, potências, capacidades para produzir o efeito desejado (TRÍAS MERCANT, 1970: 136). Constituem um sistema ético cujo uso ou não determina o prêmio a ser recebido de Deus: a glória celestial para os bons e as penas do inferno para os maus (TRÍAS MERCANT, 1969: 113-114). Sua atividade é feita mediante a oposição aos vícios, representados pelos sete pecados capitais.

O primeiro é a **gluttonia**, “[...] desejo destemperado de comer e beber” (RAMON LLULL, *Doutrina Pueril*: LX, 1). Ela engendra debilidade ao corpo, atrai pobreza e gera preguiça e fraqueza. É combatida pela temperança, pela abstinência e pela prudência (RAMON LLULL, *Doutrina Pueril*: LX, 6.).

A **luxúria** é o pior dos pecados, pois atenta contra a ordem do matrimônio e contra Deus. Através dela, “[...] a vontade é tentada contra a prudência, a caridade e a virgindade” (RAMON LLULL, *Livro da Intenção*: V.9,1). A maior arma contra esse vício é a fortaleza, pois “a fortaleza combate a luxúria com nobreza de coração” (RAMON LLULL, *LOC*: VI, 11).

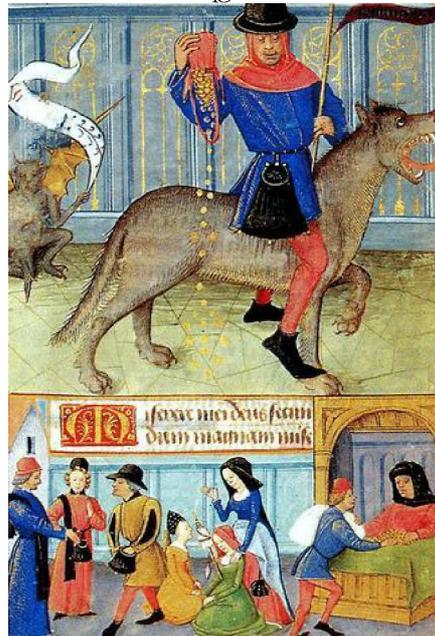
Imagem 1



Livro de Horas (c. 1475) de Robinet Testard. (França, 149 x 107 mm, M. 1001, fol. 98, detalhe). A luxúria se encanta consigo mesma e desordena o mundo. O cavaleiro agora é um jovem, muito bem vestido, de longos cabelos cacheados. Com longas esporas - símbolo fálico - e montado em um bode com grandes testículos (personificação da luxúria), ele traz um pássaro (não um falcão), que seduz com seu canto. Na cena inferior, o diabo, de nome *Smodeus*, tem agora longos chifres. Com sua mão direita, ele parece impulsionar seu pecado: no centro da cena, uma mulher é assediada por três homens (um a agarra por trás); exibida, ela parece gostar muito da *corte da luxúria*. À direita, uma senhora é violentada por um homem. Ela tenta repeli-lo, mas ele é forte e a domina, tocando-a em suas partes íntimas. Uma jovem de vestido vermelho assiste a tudo, extasiada (COSTA, 2005).

Já a **avareza** é “[...] juntar coisas que são supérfluas ao homem e necessárias aos pobres” (RAMON LLULL, *Doctrina Pueril*: LXIII, 1). É um vício que atenta contra a largueza, a esperança, a caridade, a justiça e a fortaleza (RAMON LLULL, *Livro da Intenção*: V.10, 1). Devido à necessidade de adquirir seu armamento, o que exigia grandes gastos, era frequentemente associada ao cavaleiro. Para Ramon, ela afeta, em primeiro lugar, a coragem, para que não haja defesa no coração do cavaleiro e esse se torne avaro e cobiçoso, cometendo injúrias contra o povo, o qual deveria defender (RAMON LLULL, *LOC*: VI, 12).

Imagem 2



Livro de Horas (c. 1475) de Robinet Testard. (França, 149 x 107 mm, M. 1001, fol. 98, detalhe). A avareza é gananciosa, tem fome de dinheiro. O cavaleiro monta um lobo escancaradamente voraz, símbolo do apetite do avaro pelo dinheiro. Ele exhibe e entorna sua bolsa vermelha cheia de moedas (outra, preta, está igualmente cheia, em sua cintura); o diabo está a seu lado. Na cena

abaixo, oito personagens avaros em um quarto: na cama, um rico-homem conta suas moedas, ao centro, uma senhora, com sua negra bolsa de moedas à mostra, ensina às suas jovens pupilas como serem avaras; à esquerda, uma espécie de competição: quem tem a bolsa mais cheia? (COSTA, 2005)

A **soberba** é uma obra da vontade contra a humildade. Com ela os demônios desejam ser semelhantes a Deus (RAMON LLULL, *Doutrina Pueril*: LXIV, 4). É responsável por expulsar do homem a caridade, a piedade e as outras virtudes. É o vício da desigualdade e a geradora da solidão, pois o homem soberbo não deseja ter iguais, e por isso prefere estar só (RAMON LLULL, *LOC*: VI, 14).

Imagem 3



No *Breviário do amor* (*Le Bréviari d'amor*), escrito entre 1288 e 1292 por Matfré Ermengaud de Béziers (†1322) (COSTA; ZIERER, 2008), os cavaleiros são tentados e sucumbem aos vícios. Na frase sob a imagem, pode ser lido o texto: “Os Diabos fazem os amantes fazerem coisas soberbas pelo amor de suas damas”.

A **acídia** é “a tristeza da alma, agravada pelo bem de seu próximo” (RAMON LLULL, *Doutrina Pueril*: LXII, 1). É contrária à caridade, à justiça, à fortaleza e à prudência (RAMON LLULL, *Livro da Intenção*: V.2, 1). Torna o homem amante do mal e inimigo do bem. Demonstra os sinais da danação melhor que os outros vícios, e o seu contrário representa melhor os sinais da salvação (RAMON LLULL, *LOC*: VI, 13).

A **inveja** é “desejar outros bens sem meritória possessão” (RAMON LLULL, *Doutrina Pueril*: LXV, 1). Para combatê-la é necessário recorrer à temperança, à justiça, à prudência e à caridade. Faz com que os cavaleiros desejem fazer faltas e enganos para obterem aquilo que, por preguiça de conquistar com a força de suas armas, invejam em outros (RAMON LLULL, *LOC*: VI, 15).

Por fim está a **ira**. Ela faz com que o homem não meça as conseqüências dos seus atos, já que “a razão demonstra que nenhum homem irado não faz nem deve fazer nada, pois se o que faz é mau, se não estivesse irado, não faria tanto mal” (RAMON LLULL, *Doutrina Pueril*: LXVI, 4). Deve ser combatida

com a caridade, a paciência, a abstinência, a esperança, a justiça e a fortaleza (RAMON LLULL, *Doutrina Pueril*: LXVI, 54).

Llull acreditava que o cristão só poderia realizar sua missão através da vida ativa, ou seja, difundindo a religião católica (COSTA, 2000b: 61). Defendia que Deus é o princípio e o fim de todas as coisas. Alcançar a misericórdia divina seria o maior objetivo do homem, e ele deveria agir de forma que pudesse despertá-la, já que, se conseguisse, alcançaria a salvação, que não poderia ser obtida por méritos próprios, pois se tratava de um dom divino (SANTANACH E SUÑOL). Para ser digno deste prêmio, ter uma vida virtuosa seria o melhor caminho.

Havia duas tendências para a atuação da Igreja sobre a cavalaria. A primeira visava integrá-la à instituição eclesiástica, defendendo a criação de ordens sujeitas à Igreja. A segunda pretendia controlar os cavaleiros por meio de um código de conduta, atribuindo-lhes ideais, objetivos e normas de comportamento (COSTA, 2000: 32). Ramon Llull se enquadrava na segunda tendência, como se percebe no *Livro da Ordem de Cavalaria*.

Por serem tão privilegiados, os cavaleiros seriam constantemente tentados contra sua ordem, devendo resistir para provar seu valor. Orgulho, soberba, vanglória, covardia e luxúria, o pior dos pecados, enfim, todos os vícios anteriormente citados, tentariam o cavaleiro contra a intenção do seu ofício, buscando torná-lo um meio desordenado entre o príncipe e o povo (RAMON LLULL, *Livro da Intenção*: V.29, 1-2).

Além das normas, Llull delegava várias tarefas a esse seleto grupo. As maiores missões do cavaleiro seriam pacificar os homens, defender a fé cristã e vencer das virtudes, pois cada ação sua corresponderia à honra de Deus (HIGUERA RUBIÓ, 2001: 83). Teria que praticar as virtudes, raízes e princípios de todos os bons costumes. Ramon não incumbiu os cavaleiros da missão de conversão; esta caberia aos missionários, restando aos cavaleiros a função de protegê-los e garantir-lhes audiência (SANCHIS GUARNER, 1958: 39).

Llull era partidário do uso das armas espirituais, ou seja, argumentos racionais em defesa da fé. Contudo, afirmava que se não fosse possível usar tais armas, quando não havia conhecimento de sua *Arte*, o uso das armas materiais deveria ser empregado (CARRERAS Y ARTAU, 1934: 320).

Não era um defensor das cruzadas, as armas seriam apenas um suporte para a razão, pois acreditava que sua *Arte* e o uso de argumentos racionais seriam as melhores formas de conversão (SANCHIS GUARNER, 1958: 44). Deriva daí sua preocupação com a moral, a ética e a formação do cavaleiro, o que fez

com que redigisse uma obra com esse intuito. Naquele momento, a cavalaria era um ideal, adquirido por méritos próprios, e que tinha seu aprendizado apenas prático.

Como era um defensor fervoroso da religião cristã, o maiorquino acreditava que o martírio era a melhor forma de honrar e agradecer a Jesus Cristo ter morrido pelos homens, constituindo-se na arma espiritual suprema (CARRERAS Y ARTAU, 1934: 321), motivo pelo qual a recomenda aos cavaleiros:

Com lo sant sepulcre, Sènyer, e la sancta terra d'outrammar par que.s deja conquerre per predicació mills que per força d'armes, ¡faer-se a avant, Sènyer, los sans cavallers religioses e guarnesquen-se del senyal de la creu, e umplen-se de la gràcia del sant Espirit, e vagen preïcar veritat de la vostra passió als infeels, e escampen per la vostra amor totes les aigüe de lurs ulls e tota la sang de lurs cors, així com vós feés per amor d'ells!

Senhor, para que o Santo Sepulcro e a Santa Terra de Ultramar sejam conquistados de forma melhor que pela força das armas, façam-se avante, Senhor, os santos cavaleiros religiosos, que sejam guarnecidos com o sinal da cruz, cheios da graça do Espírito Santo, que preguem a verdade de Vossa Paixão aos infiéis e derramem, por Vosso amor, todas as águas de seus olhos e todo o sangue de seus corpos, assim como Vós fizestes pelo amor deles! (RAMON LLULL, *LC*: CXII, 11).

Llull tentou entrelaçar em seu cavaleiro ideal a Igreja, seus valores e as práticas guerreiras das ordens de cavalaria, restabelecendo um passado mítico e glorioso, ligado diretamente à nobreza (COSTA, 2000, 28). Esse fato pode ser notado em uma passagem em que limita o número de cavaleiros e afirma que estes devem ser ricos, pois se faz necessário adquirir os instrumentos de tal arte, relacionando o acesso à cavalaria à condição social do indivíduo (COSTA, 2000: 27).

Enfim, somente combatendo os vícios e praticando as virtudes, esses homens poderiam fazer jus à grande honra que receberam e cumprir as tarefas para as quais foram destinados, pois somente os cavaleiros celestiais “[...] combatem com amor e com verdade, com humildade, com paciência e com lealdade contra os malvados homens” (RAMON LLULL, *LC*: CXIII, 6).

A cavalaria no *Livro da Contemplação*

Llull não era indiferente ao seu contexto. A cavalaria recebia duras críticas por parte dos clérigos desde o século XII. Realista, reconhecia o terror imposto pelos cavaleiros, tão fortemente exaltados por ele, o que pode ser notado em

um trecho do capítulo CXII do *Livro de Contemplação*, a partir de agora, *LC*, onde é visível toda a angústia do filósofo:

Mas par-me, Sènyer, que los cavallers han presa altra manera, la qual é contrària a l'ofici per lo són em orde de cavalleria; car ab les armes ab què deurien destruir los mals hòmens, ab aquelles veem que aucien e destrueixen los hòmens justs e ls hòmens qui amen nés pau que guerra.

Mas parece-me, Senhor, que os cavaleiros têm tomado outra maneira, contrária ao ofício pelo qual estão na ordem de cavalaria, pois com as armas com as quais deveriam destruir os maus homens, vemos que matam e destroem os homens justos e os homens que amam mais a paz que a guerra (RAMON LLULL, *LC*: CXII, 2).

Este grupo social representava a violência, o espírito de agressão da época. Uma das fontes de sofrimento que mais afligia a população, principalmente camponesa, eram as *faídas* (*fehde*), vinganças particulares garantidas pelo direito da vítima de um prejuízo causar ao autor um prejuízo equivalente (COSTA, [s/d]).

Para destruir o inimigo, objetivava-se reduzir suas fontes de riqueza através do assassinato do maior número possível de camponeses e da destruição de plantações e celeiros. A ausência de tribunais regulares era um fator encorajador da violência, possibilitando que todas as discórdias entre cavaleiros fossem resolvidas com conflitos armados (FLORI, 2002: 188).

Essa cavalaria desordeira pode ser encontrada no capítulo CXII do *Livro da Contemplação*. Nele, os cavaleiros são acusados de possuírem todos os vícios, agindo contrariamente a todas as virtudes.

O mal perpetrado por esses homens pode ser notado no seguinte trecho:

Los cavallers foren posats em lo món per tal que tenguessen lo món em pau; mas los hòmens qui més de guerra e més de treballs meten em lo món, veem que són cavallers; car cavallers, Sènyer, aucien los hòmens e despoblen les ciutats e ls castells, e talen los arbres les plantes, e desmariden les fembres, e roben los camins. E doncs, Sènyer, qui és em lo món qui tant de mal faça com cavallers?

Os cavaleiros foram colocados no mundo para terem o mundo em paz, mas vemos que os homens que mais guerreiam e mais dão trabalho ao mundo são os cavaleiros, pois os cavaleiros, Senhor, matam os homens, despovoam as cidades e os castelos, cortam as árvores e as plantas, enviúvam as mulheres e roubam nos caminhos. Assim, Senhor, quem é que no mundo faz tão mal quanto os cavaleiros? (RAMON LLULL, *LC*: CXII, 15).

Acusa-os de serem inimigos da verdade, e, portanto, indignos dos louvores que recebem:

Neguns hòmens d'aquest món, Sènyer, no veig que sien tan caçadors ni tan jugadors ni tan delicats com los cavallers; ni nulls hòmens no fan los tantes de coses sens profit com fan los cavallers pecadors vanagloriosos. Doncs, ¿per qué.s tenen, Sènyer, los cavallers per ésser dignes que sien loats més que altres hòmens, pus que lurs obres valen menys?

Não vejo nenhum homem deste mundo, Senhor, que seja tão caçador, tão jogador e tão delicado como os cavaleiros, nem que faça tantas coisas sem proveito como fazem os cavaleiros pecadores e vangloriosos. Logo, por que os cavaleiros têm, Senhor, que serem dignos de serem louvados mais que os outros homens, já que suas obras valem menos? (RAMON LLULL, *LC*: CXII, 26).

Para ele, existem duas cavalarias em convívio no mundo:

Oh vós, sényer Déus, qui sóts creador e recreador nostre! Nós vem que cavalleria se deveeix e.s departeix em dues parts: los uns veem que són cavallers d'aquest món, los altres veem que són cavallers de l'altre segle. Aquells qui són cavallers segons lo món, aquekks són tots em vanitats e em la glòria mundana. Aquells qui són cavallers a esguard de l'altre segle, aquells són cavallers qui amen veritat e qui han em menyspreu les vanitats d'aques món.

Oh, Vós, Senhor Deus, que sois criador e nosso recriador! Nós vemos que a cavalaria se desvia e se divide em duas partes: vemos que uns são cavaleiros deste mundo, outros são cavaleiros do outro século. Aqueles que são cavaleiros de acordo com o mundo estão em vaidades e na glória mundana; aqueles que são cavaleiros que olham para o outro século, são cavaleiros que amam a verdade e menosprezam as vaidades deste mundo (RAMON LLULL, *LC*: CXII, 4).

Os cavaleiros do outro século seriam capazes de levar uma vida virtuosa.

Conclusão

O sentido militar de “cavalaria” restringe o termo ao grupo de guerreiros de elite que atacava com ímpeto, espadas em punho, nas batalhas medievais dos séculos XI ao XIV (FLORI, 2002: 185). Contudo, a palavra agrega em seu sentido uma conotação social cada vez mais aristocrática, principalmente na França.

A Igreja Católica, grande força do período medieval, não ficou indiferente a essa ascensão e passou a confiar a grupos armados a proteção de estabelecimentos eclesiásticos, tentando, simultaneamente, inculcar-lhes um ideal cristão, incumbindo-os de proteger as igrejas e pessoas mais fracas e lutar contra os infiéis nas cruzadas.

Para cristianizar essa ordem, duas vertentes se destacaram no corpo eclesiástico. A primeira, cujo maior representante é São Bernardo de Claraval (1090-1154), pretendia integrar a cavalaria à ordem eclesiástica, mediante a criação de ordens militares sujeitas à Igreja. A segunda, à qual Llull pertencia, desejava imbuir os cavaleiros com um código de ética, atribuindo-lhes ideais, objetivos e normas de comportamento, e sacralizando o grupo com um cerimonial (COSTA, 2000: 32).

Com suas guerras privadas (*febde*), espalhavam terror pela Europa. Pilhavam, assassinavam camponeses, destruíam plantações. Tudo era válido no intuito de enfraquecer o inimigo e vingar o prejuízo recebido.

Tamanha era a violência que, no século XI, aliado à *Paz de Deus*, surgiu outro movimento, a *Trégua de Deus*, impondo um armistício semanal, que, inicialmente, durava dois dias, sendo estendido, posteriormente, para quatro (da noite de quarta-feira à manhã de segunda) (COSTA, [s/d]). Dessa forma, os poderes eclesiásticos tentavam pôr ordem nesse confuso estado de coisas e para isso utilizavam sua maior arma, a excomunhão (COSTA, 2001: 182).

Ramon Llull mostra esse painel no capítulo CXII do *Livro da Contemplação*. Nele, acusa os cavaleiros de estarem em situação de desordenamento, não sendo amigos da verdade. São culpados e pecadores:

Para Ramon, coexistem duas cavalarias distintas: uma que exalta a fé cristã e outra que se perdeu em suas em valores mundanos:

Com o objetivo de associar dogmas cristãos às práticas guerreiras, Llull escreveu o *Livro da Ordem de Cavalaria*. Nele, encontra-se um caráter místico da concepção de cavalaria (SANCHIS GUARNER, 1958: 41). Para ele “[...] a cavalaria não está no cavalo nem nas armas, antes está no cavaleiro” (RAMON LLULL, *LOC*: VI, 22) O cavaleiro deveria ser soldado e administrador das virtudes, pois suas ações corresponderiam à honra de Deus (HIGUERA RUBIÓ, 2001: 83). Fica claro que há a maior valorização do indivíduo, o cavaleiro, que da instituição, a cavalaria.

Com o uso das sete virtudes, esses guerreiros combateriam os vícios e alcançariam a glória celestial. Descritos como homens eleitos, pessoas especiais, que deveriam ser referências para a sociedade, seriam mais tentados, devendo resistir melhor às tentações para guardar a honra da cavalaria.

Llull não era defensor das cruzadas. Para ele, o homem deveria usar armas espirituais, ou seja, argumentos racionais em defesa da fé. A principal arma seria o martírio, e ele a recomenda aos cavaleiros.

A realidade da época demonstra que as ações dos cavaleiros não condiziam com o que o maiorquino idealizava (HIGUERA RUBIÓ, 2001: 81). No entanto, ao que parece, ele compartilhava a opinião de alguns teóricos que lhe eram contemporâneos, pois defendia que mesmo que os pecados dos homens pudessem impedir a realização do ideal, este seguiria sendo a base e norma do pensamento coletivo (SANCHIS GUARNER, 1958: 60).

Fontes

- JOANOT MARTORELL. *Tirant lo Blanc* (trad.: Cláudio Giordano). São Paulo: Editora Giordano, 1998.
- RAMON LLULL. *Libre D'intenció*. Obres de Ramon Llull (ed. Moss. Salvador Galmés) (Obres Ramon Llull), (tradução Ricardo da Costa e Grupo de Pesquisas Medievais da UFES III). Palma de Mallorca: 1935, volume XVIII, p. 03-66.
- RAMON LLULL. *Libre de Contemplació*. In: *Obres Essencials (OE)*. Barcelona: Editorial Selecta, vol. II, 1960.
- RAMON LLULL. *Doctrina Pueril* (a cura de Gret Schib), (tradução Ricardo da Costa e Grupo de Pesquisas Medievais da UFES III). Barcelona: Editorial Barcino, 1972.
- RAMON LLULL. "Vida coetânea". In: *Obres selectes de Ramon Llull (1232-1316)*. Volum I (ed., introd. i notes de Antoni Bonner). Mallorca: Editorial Moll, 1989.
- RAMON LLULL. Versió catalana de la Disputa del clergue Pere i de Ramon Llull, el fantàstic. In: LOLA BADIA. *Teoria i pràctica de la literatura em Ramon Llull*. Barcelona: Edicions dels Quaderns Crema, 1991.
- RAMON LLULL. *O Livro da Ordem de Cavalaria* (trad., apres., e notas de Ricardo da Costa). São Paulo: Editora Giordano, 2000.

Bibliografia

- CARRERAS Y ARTAU, Tomás. L'esperit cavalleresc en la producció lul·liana. In: *La Nostra Terra*. Mallorca, 1934.
- COSTA, Ricardo da. Ramon Llull (1232-1316) e o modelo cavaleiresco ibérico: el Libro del Orden de Caballería. In: *MEDIEVALLA. Textos e Estudos 11-12*. Lisboa: Fundação Eng. Antônio de Almeida, 1997.
- COSTA, Ricardo. Apresentação. In: RAMON LLULL. *O Livro da Ordem de Cavalaria* (trad., apres., e notas: Ricardo da Costa.) São Paulo: Editora Giordano, 2000.
- COSTA, Ricardo da. *A Árvore Imperial - Um espelho de príncipes na obra de Ramon Llull (1232-1316)*. Niterói: Universidade Federal Fluminense (UFF), 2000b.
- COSTA, Ricardo da. A violência da cavalaria medieval e o processo civilizador dos oratores. In: *Dimensões 13, Revista de História da UFES*. Vitória: EDUFES, 2001, p. 174-186.
- COSTA, Ricardo da. *A cavalaria perfeita e as virtudes do bom cavaleiro*. [s/d]. Disponível em: <www.ricardocosta.com.> Acesso em : 20 mar. 2003.
- COSTA, Ricardo da. A noção de pecado e os sete pecados capitais no Livro das Maravilhas (1288-1289) de Ramon Llull . In: FILHO, Ruy de Oliveira Andrade (org.). *Estudos em Homenagem ao Professor Daniel Valle Ribeiro - I CIEAM - VII CEAM*. Santana de Parnaíba, SP: Editora Solis, 2005, p. 425-432.
- COSTA, Ricardo da; ZIERER, Adriana. *Os torneios Medievais*. Boletín Electrónico de La Sociedad Argentina de Estudios Medievales, año II, n. 3, Abril/Julio, 2008.

- DOMINGUES REBOIRAS, Fernando. *Raimundo Lúlio: la Fe Consciente*. Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: <www.ricadocosta.com> Acesso em: 20 fev. 2005.
- DUBY, Georges. As origens da cavalaria. In: *A sociedade cavaleiresca*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- DURANT, Will. *A História da Civilização IV: A Idade da fé*. Rio de Janeiro: Editora Record, [s/d].
- FIDORA, Alexander. Ramon Llull: um filósofo e educador das religiões. Vitória: UNICIDADE, 19 jul 2002.
- FLORI, Jean. Cavalaria. In: LE GOFF, Jacques e SCHIMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário Temático Medieval*. Vol. I. São Paulo: EDUSC, 2002. p. 186.
- GAYÁ, Jordi. Introducció. In: *Ramon Llull: Derrader Llibre sobre la conquesta de Terra Santa*. Barcelona: Facultat de Teologia de Catalunya, 2002.
- GAYÁ, Jordi. *Biografia de Ramon Llull* (com uma cronologia). [s/d]. Disponível em: <www.ricardocosta.com> Acesso em: 26 dez. 2003.
- HIGUERA RUBIÓ, José. Honor y Dialéctica (Sobre la representación caballeresc de Ramon Llull en el Breviculum de Tomás le Myésier). In: FIDORA, Alexandre y HIGUERA, José G. (edits.). *Ramon llull, caballero de la fe*. El Arte luliana y su proyección en la Edad Media. Navarra: Cuaderno de Anuario Filosófico 17. Serie de Pensamiento Español, 2001.
- HILLGARTH, J. N. *Ramon Llull i el naixment del lul·lisme* (a cura d'Albert Soler). Barcelona: Publicacions de l'abadia de Montserrat, 1998.
- NUNES, Rui Afonso da Costa. *História da Educação na Idade Média*. Rio de Janeiro: EPU, 1979.
- PRING-MILL, R. *El microcosmos lul·lià*. Palma de Mallorca: Editorial Moll, 1962.
- SANCHIS GUARNER, M. L'Ideal cavalleresc definit per Ramon Llull. In: Estudios Lulianos. Revista cuatrimestral de Investigación Luliana y Medievalística. Palma de Mallorca: Maioricensis Schola Lullística, Año II, Vol. II, Fasc. III, 1958.
- SANTANACH E SUÑOL, J. *La Doctrina Pueril de Ramon Llull i la catequesi medieval*. Disponível em: <<http://www.bib.ub.es/www7/llull/7cateques.htm>> Acessado em: 07 abr. 2003.
- TRÍAS MERCANT, S. La ética luliana de las virtudes en el Félix de las Maravelles (I). In: *Estudios Lulianos. Revista cuatrimestral de Investigación Luliana y Medievalística*. Palma de Mallorca: Maioricensis Schola Lullística, Año XIII, Vol. XIII, Fasc. 2-3, 1969.
- TRÍAS MERCANT, S. La ética luliana de las virtudes en el Félix de las Maravelles (II). In: *Estudios Lulianos. Revista cuatrimestral de Investigación Luliana y Medievalística*. Palma de Mallorca: Maioricensis Schola Lullística, Año XIV, Vol. XIV, Fasc. 2-3, 1970.
- VERGER, Jacques. *Homens e saber na Idade Média*. São Paulo: EDUSC, 1999.